

## O feminino na psicanálise contemporânea: uma revisão sistemática da literatura nacional

## The female of contemporary psychoanalysis: a systematic review of national literature

Camila Silva Berto<sup>1</sup>, Érico Bruno Viana Campos<sup>2</sup>

### Resumo

---

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão sistemática de literatura sobre as concepções de *feminino* presentes nas produções nacionais da psicanálise contemporânea. Com a utilização da orientação PRISMA, foram selecionados 46 artigos que, após serem submetidos à análise de conteúdo foram classificados em sete categorias. Os resultados indicam a predominância do referencial teórico lacaniano e freudolacanian, além da presença de duas tendências contraditórias: a compreensão do feminino enquanto uma modalidade de gozo disponível aos seres inseridos na linguagem e, ao mesmo tempo, a vinculação quase sempre presente entre essa modalidade de gozo e a mulheres, pessoas do gênero feminino. Sugerimos, portanto, a presença de um obscurantismo em torno dos significantes “homem” e “mulher”, bem como a existência de um mecanismo de denegação sobre o tema do feminino na psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Feminino; Feminilidade; Revisão sistemática.

### Abstract

---

This research aimed to carry out a systematic review of the literature on the conceptions of the *feminine* present in the national productions of contemporary psychoanalysis. Using the PRISMA guideline, 46 articles were selected which, after being submitted to content analysis, were classified into seven categories. The results indicate the predominance of the Lacanian and Freudianian theoretical framework, in addition to the presence of two contradictory tendencies: the understanding of the feminine as a modality of jouissance available to beings inserted in language and, at the same time, the link almost always present between this modality of enjoyment and to women, people of the female gender. We suggest, therefore, the presence of an obscurantism around the signifiers “man” and “woman”, as well as the existence of a mechanism of denial on the theme of the feminine in psychoanalysis.

**Keywords:** Psychoanalysis; Feminine; Femininity; Systematic review.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. *E-mail:* camila.berto@unesp.br

<sup>2</sup> Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Bauru, São Paulo, Brasil. *E-mail:* erico.bv.campos@unesp.br

## Introdução

O presente artigo corresponde à apresentação dos resultados obtidos em uma pesquisa de iniciação científica, desenvolvida entre agosto de 2019 e setembro de 2020, com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Partimos da compreensão de que, se em alguns aspectos a obra freudiana é caracterizada como subversiva, certas elaborações de Freud sobre as mulheres e a sexualidade feminina acabaram reproduzindo e reforçando estereótipos sobre o feminino. Nesse contexto, a equivalência sugerida pelo autor entre os pares opositivos ativo-passivo, sadismo-masochismo e masculino-feminino é uma das polêmicas que se destaca. Apresentada no texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 2016), quando os termos feminino e masculino chegam a ser utilizados pelo autor como sinônimos para atividade e passividade (FEJGELMAN; KNUDSEN, 2014), essa relação de equivalência reaparece em outros textos como *A Organização Genital Infantil* (2011a) e *O Problema Econômico do Masochismo* (2011b).

Já os comentários do autor sobre as diferenças entre a resolução do Édipo no menino e na menina, em textos como *A Dissolução do Complexo de Édipo* (FREUD, 2011) e *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925/2011), introduzem um outro termo na discussão. Diante da constatação de sua castração, percebida como uma ferida narcísica, a “feminilidade normal” corresponderia à possibilidade de a menina realizar uma equação simbólica entre o pênis e o bebê, culminando no desejo da mulher em receber um filho do pai, além da substituição da mãe pelo pai como objeto de amor (FREUD, 2010). Assim, se por um lado o feminino é apresentado na obra freudiana por meio de uma discussão metapsicológica, relacionando-se ao exercício da pulsão e suas formas de satisfação, bem como à passividade e ao masochismo, por outro lado também diz respeito ao percurso que a menina

deve realizar para “tornar-se mulher”, estando entrelaçado ao Édipo e a um de seus possíveis destinos: a feminilidade. Nesse caso, a feminilidade corresponderia às identificações decorrentes do percurso edípico, indicando a correspondência entre ser mulher, ser mãe e estabelecer relações objetivas heterossexuais. Ademais, seria ainda caracterizada pela inveja nunca superada do pênis, por um supereu pouco estabelecido e por uma forma narcísica de amar.

Ao final de sua obra, Freud (2018) dá indícios da elaboração de uma outra dimensão para o conceito de feminilidade ao utilizar a expressão *repúdio à feminilidade* em referência às dificuldades encontradas em um possível fim de análise. O “repúdio à feminilidade” vem a substituir o que Freud até então denominava como complexo de castração: uma tentativa do sujeito, seja ele do sexo masculino ou feminino, de se prender em uma referência fálica como forma de defesa diante de uma *feminilidade primária*, experiência de angústia decorrente da condição de fragilidade e incompletude própria ao ser humano (ALMEIDA, 2012).

Além de Freud, Jacques Lacan é outro autor bastante utilizado quando o objetivo é discutir sobre o feminino e a feminilidade na psicanálise. Um ponto a ser destacado é que, se na teoria freudiana a diferença sexual é designada a partir do suporte fálico enquanto órgão genital masculino, na teoria lacaniana o falo é reinterpretado como falo simbólico, “um significante cuja função é designar os efeitos do significado” (COSTA VAL *et al.*, 2014, p. 247), de forma que pênis e falo deixam de ser tidos como sinônimos. Essa forma de compreensão acaba incidindo na interpretação do Édipo, o qual não mais se limita a uma fantasia de incesto, parricídio e castração mas, de outra forma, passa a ser compreendido como um mito e, nesse caso, sua estrutura ou seu molde passa a ter mais relevância do que seu conteúdo propriamente dito (BARRETA, 2012). Por essa perspectiva, a travessia do Édipo e do complexo de castração corresponde a “transformações de relações entre elementos contingentes, nunca necessários” (AMBRA, 2013, p. 56). Assim, o que importa, de fato, é a presença de

um terceiro elemento responsável por organizar e delimitar a relação dual entre dois sujeitos: a criança e sua mãe.

A noção de sexo também sofre uma reinterpretação a partir de uma leitura estrutural (AMBRA, 2013) e o termo *sexuação* é empregado em substituição ao termo *sexualidade*: enquanto este faz referência à vivência de algo que seria próprio à natureza do sexo, aquele é utilizado para indicar a ação necessária para que o sujeito se inscreva em uma escolha sexual, o que viabiliza a compreensão da ausência de uma identidade sexual dada *a priori* para os seres inseridos na linguagem (PENACK; BASTOS, 2009). Dessa forma, as fórmulas que ficaram conhecidas como “fórmulas da sexuação” são bastante utilizadas pelos artigos que procuram discorrer acerca da feminilidade e da diferença sexual a partir da teoria lacaniana. Formada por duas colunas que sinalizam a posição masculina no lado esquerdo e a posição feminina no lado direito, as fórmulas indicam a maneira pela qual o sujeito está assujeitado à lógica fálica, não correspondendo a uma estrutura anatômica específica. Enquanto as inscrições referentes ao lado masculino apontam a existência de uma exceção, um sujeito para quem a função fálica não funciona e que portanto não se encontra submetido à castração, o qual é representado pelo pai da horda primitiva, o lado feminino indica que não há uma mulher para quem a função fálica não funcione, não há uma mulher que não esteja submetida à castração, ainda que miticamente. Uma vez que é a exceção que possibilita a compreensão da regra, no caso do lado feminino torna-se impossível a formação de um conjunto. Por isso, desse lado da fórmula não há espaço para qualquer tipo de universalidade: não há um modelo ou significante que forneça suporte ao feminino (BONFIM; VIDAL, 2014).

O posicionamento dos sujeitos em relação à função fálica corresponderia, ainda, a diferentes modalidades de gozo: se o quadrante esquerdo da fórmula indica a inscrição do sujeito na lógica do todo, bem como sua relação com o gozo fálico, o quadrante direito, correspondente ao lado do feminino, refere-se a um gozo que emerge do Real,

“gozo suplementar, sem limites, nonsense, fora da linguagem, não simbolizado” (DEMES; CHATELARD; CELES, 2011, p. 667). Caberia ao sujeito inscrito no quadrante direito, independente de seu gênero ou sexo anatômico, escolher entre recusar sua falta de fundamento, colocando-se no lado masculino por meio de uma identidade fálica ou, de outra forma, aceitar essa falta de significante e suportar a instabilidade característica do não-todo (BONFIM; VIDAL, 2014).

Diante dessas considerações, nos questionamos se a psicanálise, ainda hoje, contribui para a reprodução e perpetuação de estereótipos relacionados ao feminino, à feminilidade e, por consequência, às mulheres. Compartilhamos com Kehl (2016) a percepção de que não faz sentido sustentar a ideia de um mistério restrito à sexualidade e ao desejo feminino se considerarmos que o chamado “gozo feminino” pode ser acessível aos sujeitos de ambos os sexos. Levantamos, então, duas hipóteses iniciais para este trabalho: (1) que a literatura atual sobre o feminino na psicanálise seja composta, em sua maioria, por estudos teóricos que acabam não utilizando a bibliografia já disponível para estabelecer investigações clínicas ou aplicadas sobre o tema; (2) que a psicanálise ainda permanece distante dos estudos atuais sobre gênero, o que acaba refletindo no grau de incorporação e tematização da terminologia utilizada nas discussões desse segundo campo, principalmente em relação ao binarismo. Sendo assim, a pesquisa objetivou realizar uma caracterização das concepções do feminino presentes nas produções da psicanálise contemporânea no Brasil, identificando os principais temas abordados a partir do uso dos conceitos “feminino” e “feminilidade”, discriminando as posições teóricas dominantes e caracterizando os delineamentos metodológicos dos estudos.

## Metodologia

Foi realizada uma revisão sistemática de literatura, a qual “utiliza métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, e coletar e analisar

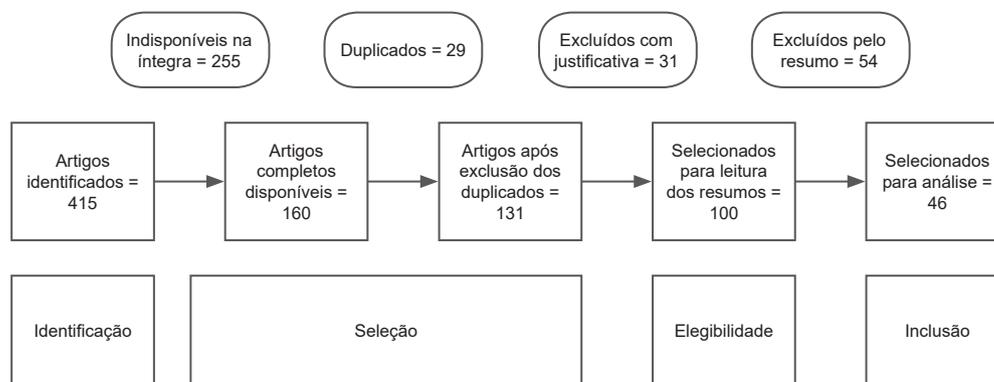
dados desses estudos que são incluídos na revisão” (GALVÃO; PANSINI; HARRAD, 2015, p. 335). O processo de identificação e seleção dos artigos foi realizado com base na recomendação PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises), seguindo um fluxograma com quatro etapas: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. A busca dos artigos ocorreu através do portal da Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-PSI) com buscas em suas três bases de dados (INDEX-PSI, PePSIC e SciELO), de setembro a dezembro de 2019, tendo como intervalo as publicações de 20 anos, de 1999 a 2019.

Foram utilizadas as seguintes combinações de descritores: 1) feminilidade e psicanálise, 2) feminino e psicanálise. A seleção restringiu-se aos artigos de delineamento teórico ou empírico que estivessem disponíveis integralmente e gratuitamente *online* por acesso livre, o que é justificado por conferir uma maior viabilidade à pesquisa, além de

ser possível supor que essas sejam publicações de maior visibilidade e difusão na comunidade científica. As etapas para identificação e seleção dos artigos podem ser visualizadas na Figura 1.

Ao final das etapas foram identificados 46 artigos, posteriormente submetidos a uma análise de conteúdo temática, a qual “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105). O procedimento de categorização resultou em sete categorias: 1. O feminino e a constituição da feminilidade; 2. O feminino e a maternidade; 3. O feminino e o amor; 4. A literatura, a escrita e a criação artística; 5. O feminino, a aparência e o ideal de feminilidade; 6. O feminino na clínica; 7. Outros. Apenas um artigo foi incluído em 2 categorias, uma vez que apresenta uma intersecção entre o amor e a escrita.

**Figura 1** - Fluxograma das etapas de revisão sistemática da literatura em consonância com a recomendação PRISMA.



Fonte: autoria própria (2020).

## Resultados

Em relação ao referencial teórico, 50% dos artigos utilizam Freud e Lacan como referências principais, dois deles também utilizando outros autores como Melanie Klein e Ernest Jones; 18 artigos, ou 39%, têm apenas a teoria lacaniana como fundamento essencial, enquanto apenas 2 artigos utilizam predominantemente a teoria freudiana.

Somente 4 artigos têm outros autores como principal referencial teórico, o que nos indica a predominância das discussões lacanianas e freudolacanianas sobre o tema nas produções nacionais contemporâneas.

Quanto ao ano de publicação, 17 artigos, ou 37%, foram publicados na primeira década do período abordado pela pesquisa, de 2000 a 2009. Cabe ressaltar que os primeiros artigos constam

do ano de 2003, não tendo sido encontrados textos referentes aos anos anteriores. A maior parte dos artigos, 63% do total, foram publicados de 2010 a 2019, sendo apenas uma publicação desse último ano. Assim, parece que a partir de 2010 houve um aumento no interesse sobre o tema nas produções de teoria psicanalítica nacional.

No que diz respeito à metodologia utilizada, em consonância com a classificação de Campos (2008), 32 artigos podem ser caracterizados como pesquisas *sobre* psicanálise (PSP), as quais são consideradas propriamente acadêmicas e de caráter teórico-conceitual, não utilizando o método psicanalítico para sua produção, incluindo-se aqui

aquelas de tipo temático/histórico ou epistemológico. As outras 14 produções podem ser analisadas como pesquisas *em* psicanálise (PEP), isto é, aquelas que pretendem aplicar o método psicanalítico em sua produção, seja em um contexto clínico, seja na cultura ou na sociedade. Parece haver, portanto, uma predominância considerável das pesquisas *sobre* psicanálise, de natureza teórico-conceitual, em relação às pesquisas psicanalíticas de caráter empírico e de aplicação. Os artigos da amostra são caracterizados no Quadro 1, conforme a categoria a qual foram identificados, os autores, data de publicação, referencial teórico e delineamento metodológico.

**Quadro 1** - Caracterização dos artigos da amostra.

<b>Categoria</b>	<b>Autor (data)</b>	<b>Referencial teórico</b>	<b>Delineamento metodológico</b>
O feminino e a constituição da feminilidade	Arán (2003)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Bonfim (2014)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Bonfim e Vidal (2009)	Freud, Klein, Ernest Jones e Lacan	PSP: estudo teórico
	Coelho (2013)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Demes, Chatelard e Celes (2011)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Marcos (2011a)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Paula (2013)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Silva e Santos (2017)	Lacan	PSP: estudo teórico
O feminino e a maternidade	Costa (2018)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Drummond (2011)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Marcos (2011b)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Queiroz, Siqueira e Nóbrega (2017)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Rohm e Radaelli (2016)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Silva (2008)	Lacan	PSP: estudo teórico
O feminino e o amor	Bessa (2011)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Costa; Ferraz e Ribeiro (2013)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Daibert e Caldas (2012)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Ferreira e Danziato (2019)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Lopes (2011)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Ribeiro e Pinto (2012)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico

*Continua*

## Continuação

A literatura, a escrita e a criação artística	Caldas (2013)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Costa; Ferraz e Ribeiro (2013)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras literárias
	Ferreira e Rivera (2008)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras literárias
	Fingermann (2008)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras literárias
	Fontenelle (2016)	Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras plásticas
	Fortes (2007)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras literárias
	Furtado (2009)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras literárias
	Lima (2007)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Lima e Santiago (2009)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Patrasso e Grant (2007)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Ribeiro (2008)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada a obras plásticas
	Tanguy e Martins (2014)	Lacan	PSP: estudo teórico
O feminino, a aparência e o ideal de feminilidade	Canto e Ghazzi (2016)	Freud e Lacan	PEP: relato de grupo focal
	Cardoso (2017)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Massara (2013)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Moreira, Vieira e Ceccarelli (2018)	Freud e McDougall	PEP: psicanálise aplicada à obra audiovisual
	Silva e Rey (2011)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
O feminino na clínica	Costa Val <i>et al.</i> (2014)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Faria (2004)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico
	Hirschzon, Fonseca e Amiralian (2013)	Winnicott	PSP: estudo teórico
	Lattanzio e Ribeiro (2017)	Robert Stoller e Jacques André	PSP: estudo teórico
	Lopes (2017)	Robert Stoller	PSP: estudo teórico
	Melo (2017)	Jean Laplanche, Jacques André e Pierre Fedida	PSP: estudo teórico
	Penack e Bastos (2009)	Lacan	PSP: estudo teórico
	Utchitel (2005)	Freud, Klein e Lacan	PSP: estudo teórico
Outros	Pacheco (2007)	Freud e Lacan	PEP: psicanálise aplicada à obra audiovisual
	Paim Filho e Quadros (2008)	Freud e Lacan	PSP: estudo teórico

Fonte: autoria própria (2020).

### *O feminino e a constituição da feminilidade*

Os artigos aqui organizados correspondem a revisões bibliográficas sobre o tema e caracterizam-se por apresentarem algumas das noções fundamentais acerca do feminino e da feminilidade. De forma geral, retomam a feminilidade a partir do Édipo como proposto por Freud para, em um segundo momento, introduzirem a interpretação lacaniana, frequentemente considerada uma forma de superação da lógica fálica ao indicar uma lógica que ultrapassa o falo e uma outra modalidade de gozo que aproxima a mulher da dimensão do Real. Assim, há uma preocupação constante em explicar que na teoria lacaniana a oposição entre feminino e masculino não diz respeito à dimensão dos sexos anatômicos, mas a diferentes formas de relação do sujeito com a linguagem, a qual é pensada através da existência de duas lógicas, a lógica do todo fálico e a lógica do não-todo, e seus modos correspondentes de gozo, o fálico e o suplementar. Ainda em uma interpretação lacaniana, os artigos discorrem sobre a falta de um significante ou de um traço identificatório que fundamente a feminilidade. Surgem, então, comentários sobre a *mascarada*, conceito que também aparece em publicações classificadas em outras categorias, e que indicaria uma forma particular da mulher se relacionar com o falo na qual ela rejeita uma parte de sua feminilidade para parecer ser o falo, o significante do desejo do Outro.

### *O feminino e a maternidade*

Nesta categoria encontram-se aqueles artigos que propuseram uma discussão acerca da relação entre o feminino e a maternidade. Enquanto algumas publicações têm como foco a relação pré-edípica entre a menina e sua mãe, bem como algumas consequências possíveis dessa relação, outras pretendem comentar e refletir sobre possíveis implicações do “ser mãe” na atualidade. Da mesma forma como na categoria anterior, é comum que as publicações iniciem apresentando um panorama geral sobre as formulações freudianas,

destacando a relação pré-edípica entre a menina e sua mãe, para então introduzirem comentários sobre as elaborações lacanianas, que convergem em indicar a importância de que a função paterna realize sua intervenção e possibilite a desidentificação entre a criança e a posição de falo da mãe. Uma vez que os questionamentos sobre uma suposta relação primitiva entre mãe e criança foi justamente um dos pontos responsáveis pela classificação do feminino enquanto enigma por Freud, as publicações parecem defender a necessidade de conceber uma outra lógica que não aquela orientada pelo falo, a fim de possibilitar o pensar sobre esse período do desenvolvimento. Como diferença aponta-se que, enquanto na obra de Freud a maternidade é tida como a única saída considerada “normal” para o percurso edípico, indicando uma estreita relação entre o “ser mãe” e o “ser mulher”, a teoria lacaniana parece apontar justamente para a necessidade de se estabelecer uma distância entre o “ser mulher” e o “ser mãe” como condição necessária para que a criança se desidentifique da posição de falo e se constitua como sujeito desejante.

### *O feminino e o amor*

Dentre os artigos que se propõem a abordar a relação entre o feminino e o amor em Freud e em Lacan, é comum que a discussão tenha início a partir da caracterização do modo de escolha objetal narcisista, caracterizada por uma intensificação do narcisismo primário, e indicada por Freud como tipicamente feminina, uma vez que ela seria consequência da constatação da castração pela menina no momento de sua entrada no Édipo. Já na teoria lacaniana, as publicações retomam as fórmulas da sexuação para indicar que a diferença na forma como homem e mulher se colocam nas relações amorosas corresponde a uma consequência da impossibilidade de uma identificação para a menina – identificação aqui relacionada à posição de exceção considerada como o ideal de seu sexo. Cabe comentar, portanto, a continuidade que os artigos parecem estabelecer entre as teorias freudiana e lacaniana, já que em ambas a forma como a mulher

se coloca em suas relações amorosas guarda uma relação intrínseca com a sua condição de castração. Na primeira porque, percebendo-se castrada antes mesmo de sua entrada no Édipo, não há fortes motivos para que a menina abandone seu narcisismo primário, de forma que ela permanece investindo grande parte de sua libido no próprio eu, apresentando uma necessidade maior em ser amada. E na segunda, porque devido à inexistência de um significante que represente o feminino no inconsciente, a mulher se vê diante de uma busca incessável por algo que possa ser colocado nesse lugar de ausência, o que implicaria, dentre outras coisas, em uma demanda insaciável pelos signos de amor.

#### *A literatura, a escrita e a criação artística*

Os primeiros artigos apresentados nesta categoria são aqueles que pretendem apontar a relação do feminino e da feminilidade com a escrita e a literatura. Alguns deles enfatizam o próprio ato da escrita, destacando textos que manifestam a demanda de um enigma a ser decifrado, dentre os quais as cartas de amor e os diários aparecem como modelo paradigmático. Ainda sobre a escrita, algumas publicações utilizam o conceito lacaniano de letra (*lettre*) para comentar sobre obras literárias que manifestem uma escrita na qual algo impossível de se escrever torna-se possível (CALDAS, 2013; COSTA; FERRAZ; RIBEIRO, 2013; LIMA, 2007; LIMA; SANTIAGO, 2009). Outras publicações apontam, ainda, a potencialidade da literatura em apresentar o feminino – aquilo que não se escreve – por meio das singularidades e do estilo de cada artista. Dessa forma, alguns artigos se detêm na análise de obras ou de autoras que parecem indicar uma relação com a dimensão do feminino, como: Clarice Lispector, Hilda Hilst e Marguerite Duras, ou então personagens como Ema, de *Madame Bovary*, e Elisa, de *Aritmética*. Há, ainda, as publicações que propõem uma análise do feminino em sua relação com as artes plásticas, por meio da apresentação de artistas como Frida Kahlo e Cindy Sherman (FERREIRA; RIVERA, 2008; FINGERMANN, 2008; FORTES, 2007; FURTADO, 2009;

PATRASSO; GRANT, 2007; RIBEIRO, 2008; TANGUY; MARTINS, 2014; FONTENELLE, 2016).

#### *O feminino, a aparência e o ideal de feminilidade*

Embora partam de temas distintos entre si, os artigos organizados nesta categoria são aqueles que pretendem refletir sobre a relação entre as mulheres, pessoas do gênero feminino, e os ideais de feminilidade que possibilitariam o reconhecimento social de mulheres “femininas”. Novamente, ao indicarem as produções psicanalíticas, as publicações fazem referência à feminilidade como uma posição caracterizada pela falta. O tema da mascarada também retorna, mas desta vez relacionado ao atributo da beleza, representado pelos adereços e ornamentos, e ao movimento de captura do olhar alheio, ambos considerados como mais uma estratégia da mulher para se identificar ao falo e lidar com sua castração (CARDOSO, 2017; SILVA; REY, 2011). O detalhe, enquanto aquilo que se destaca do todo, também é relacionado com a feminilidade: enquanto um traço único o detalhe representaria, assim como a feminilidade, a possibilidade de o sujeito criar algo de seu estilo singular frente a sua castração (MASSARA, 2013). Para além dessas publicações, há também aquelas que pretendem pensar sobre a feminilidade a partir dos ideais vinculados socialmente ao que se considera feminino ou masculino e à forma como esses ideais incidem sobre os sujeitos que com eles se identificam. o que é feito por meio da análise de um documentário que apresenta mulheres portadoras de HIV (MOREIRA; VIEIRA; CECCARELLI, 2018), e por meio de uma pesquisa focal com um grupo de meninas (CANTO; GHAZZI, 2016). Talvez seja interessante mencionar que quase todos os artigos aqui classificados apontam algo que não foi tão frequente nos artigos das outras categorias: a existência de um ideal social e cultural de feminilidade que acaba por incidir no processo de construção do psiquismo e de constituição do sujeito.

## *O feminino na clínica*

Nesta categoria são apresentados artigos que procuram refletir sobre fenômenos clínicos em sua relação com o feminino. Identificamos três publicações que buscam discutir como as concepções de feminino/feminilidade ou de feminino/masculino podem direcionar a escuta e a atuação do analista na clínica, é o caso das publicações de Hichzon, Fonseca e Amiralian (2003), Faria (2004) e Utchitel (2005). Há, ainda, publicações que realizam discussões sobre questões específicas como a anorexia e a(s) transexualidade(s). Os dois artigos que cujo escopo é a anorexia convergem em indicar a predominância do fenômeno com a emergência da puberdade em sujeitos do sexo feminino, relacionando-o às dificuldades encontradas pela menina em seu processo de “tornar-se mulher”, dada a ausência de um traço que garanta seu pertencimento a um conjunto universal de “mulher” (COSTA VAL *et al.*, 2014; PENACK; BASTOS, 2009). Já nas publicações que se voltam para a discussão acerca da(s) transexualidade(s), destacam-se as críticas à cristalização de conceitos e modelos empregados com base na centralidade do Édipo e da castração, o valor simbólico atribuído ao falo que se reveste de um aspecto imutável e transcendental, e aos diversos binarismos que permanecem presentes na teoria psicanalítica (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017; LOPES, 2017; MELO, 2017).

## *Outros*

Por fim, duas publicações apresentaram objetivos muito específicos, não sendo possível organizá-las junto às outras categorias. No caso de Pacheco (2007), a autora busca discutir uma possível especificidade na relação da mulher com as drogas partindo, em consonância com as publicações das demais categorias, de uma relação entre a mulher e a falta de um significante que a represente. Já Paim Filho e Quadros (2008) buscaram relacionar o ato de fazer guerra com o conceito freudiano de repúdio à feminilidade, sugerindo uma delimitação dos termos feminilidade e

masculinidade àquilo que toca às discussões de gênero, e reservando ao feminino a característica fundante do psiquismo que encontra seu oposto no masculino, este vinculado à formação do inconsciente recalçado. O curioso é que o artigo parece inverter a utilização dos conceitos feminino e feminilidade, já que o próprio Freud, ao comentar esse repúdio a uma posição feminina, utiliza o termo “repúdio à feminilidade”.

## **Discussão geral**

É evidente a hegemonia de um referencial teórico lacaniano e freudolacaniano, indicando que a maior parte das produções psicanalíticas acerca do feminino e da feminilidade compreende a diferença entre os sexos, e a oposição entre masculino-feminino, menos em relação ao sexo anatômico e ao gênero e mais em relação às formas de inscrição do sujeito na função fálica. Assim, as duas dimensões do feminino que anteriormente apontamos na obra de Freud, uma metapsicológica e uma identificatória, não se sustentam nas discussões que partem de uma perspectiva lacaniana. Parece-nos que, com as fórmulas da sexuação, as discussões sobre as identificações passam para um segundo plano, uma vez que são as modalidades de gozo aquelas que definem o posicionamento do sujeito do lado masculino ou feminino na sexuação. Como consequência, as implicações dessa dimensão identificatória para a discussão acerca da constituição de uma identidade e personalidade feminina também acabam sendo deixadas de lado. Essa constatação parece validar nossa hipótese de que a psicanálise ainda permanece distante dos estudos atuais sobre gênero.

Contudo, ao mesmo tempo, a análise também nos permitiu perceber que a maior parte dos artigos utilizam como ilustração exemplos ou situações em que as mulheres são as personagens principais. Aqui, podemos citar os artigos que discorrem sobre a escrita e a criação artística comentando escritoras e artistas plásticas do gênero feminino, ou apontando a predominância do hábito de escrever diários em adolescentes do sexo feminino.

Há também aqueles artigos que se propõem a apresentar discussões sobre “a mãe” e a maternidade, os quais invariavelmente indicam a importância que a relação pré-edípica com a figura materna ganha, especificamente, para a menina. Sem falar, ainda, naquelas publicações que propõem refletir sobre a relação entre o feminino e o amor, as quais acabam apontando para questões como o masoquismo, a mascarada e uma demanda insaciável por signos de amor por parte da mulher. Isso não nos parece muito distinto da noção de amor narcisista já comentada por Freud, indicando, portanto, uma possível contradição.

Dessa forma, a atualização do referencial teórico parece não ser suficiente para a superação das posições psicanalíticas iniciais acerca das mulheres e do feminino. Sobre isso, pensamos que algumas questões permanecem confusas devido à continuidade da utilização de termos como “homem” e “mulher”, desde a forma como estes são utilizados por Lacan (COSSI, 2017). A percepção de um “obscurantismo” em torno dessas palavras foi, inclusive, uma das críticas levantadas por uma parcela do movimento feminista, e não por acaso Arán (2003) questiona se, de fato, seria realmente possível realizar uma abstração do lugar dos homens e das mulheres nas fórmulas da sexuação. A autora ressalta que “homem” e “mulher” são significantes construídos anterior e independentemente da elaboração lacaniana e, por isso, desde o princípio carregam significados e conteúdos consigo. Os resultados obtidos em nossa revisão sistemática de literatura nos aproximam dessa opinião, já que no decorrer das categorias propostas por nossa análise foi possível perceber a manutenção de estereótipos no que toca ao feminino, além de uma confusão constante, ou falta de melhor explicação, no que se refere a conceitos como “mulher”, “feminino”, “feminilidade” e “sexualidade feminina”.

Sugerimos que a presença de duas tendências contraditórias, a compreensão do feminino enquanto uma modalidade de gozo e, ao mesmo tempo, a vinculação quase sempre presente entre essa modalidade de gozo e as mulheres, sugere a existência de um mecanismo de denegação sobre

o tema. Freud, no texto *O Fetichismo* (1927/1996), explica esse mecanismo ao comentar a presença de duas correntes opostas no psiquismo, as quais se manifestam por meio de uma atitude dupla do sujeito frente ao fenômeno em questão: de um lado uma atitude que se ajusta ao desejo, do outro, uma atitude que se ajusta à realidade. Como resultante dessa operação ambígua haveria, então, a eleição de um objeto fetiche.

O que pretendemos dizer é que ao mesmo tempo em que têm como objetivo realizar uma discussão sobre o feminino desvinculando-o das questões concernentes ao gênero, as publicações analisadas, ao falarem sobre o feminino ou sobre a feminilidade, o fazem abordando situações protagonizadas por mulheres. Há, portanto, uma atitude dupla e ambígua frente às possíveis consequências psíquicas de uma dada constituição anatômica ou de gênero, uma constatação que nos recorda de Kehl (2016), para quem o estatuto de enigma do feminino na psicanálise indicaria o efeito de um funcionamento fetichista no qual o sujeito sabe, mas não quer saber que sabe. Assim, ainda que os artigos estejam fundamentados na ideia de uma não-relação entre a constituição anatômica e/ou a identidade de gênero de uma pessoa e sua forma sexuação, os exemplos e situações apresentados por essas mesmas publicações nos indicam o contrário: a sexuação do sujeito, ainda que não esteja limitada a seu gênero ou sexo anatômico, não ocorre de forma totalmente independente desses fatores.

Do ponto de vista teórico, a questão é que se abandonamos a premissa da concepção freudiana de uma diferença entre complexo de Édipo masculino e feminino, a questão anatômica do falo-pênis, como se justifica do ponto de vista lacaniano de um falo-significante, a pregnância desse algo que escapa na posição feminina e se materializa na lógica do não-todo? Como justificar o peso maior das relações pré-genitais no feminino em relação ao masculino? Do ponto de vista de uma análise lacaniana, será que há uma ruptura de fato com essa lógica ou só uma substituição e deslocamento na terminologia?

Em relação à terminologia empregada pelos artigos, não conseguimos estabelecer uma distinção elucidativa entre os conceitos de “feminino” e “feminilidade”. Ainda que a maior parte dos autores se preocupem em demonstrar que utilizam o conceito de feminino tomando-o como uma posição subjetiva e, portanto, não correspondendo à oposição ativo-passivo/masculino-feminino, concluímos que a forma e os momentos em que feminino e feminilidade são empregados depende muito mais da compreensão do(s) autor(es) de cada publicação do que da elaboração de um referencial teórico específico.

Em relação às categorias e à organização de temas proposta por nossa pesquisa, encontramos grande proximidade daquelas sugeridas pela revisão de literatura realizada por Verceze e Cordeiro (2019). A publicação desses autores corrobora alguns de nossos apontamentos, principalmente no que diz respeito aos assuntos que frequentemente são associados à temática do feminino, como é o caso da sua relação com a dimensão do Real, com o amor, com a relação pré-edípica entre a menina e sua figura materna e com a própria maternidade. Os resultados apontam, ainda, para a ausência de trabalhos publicados nos primeiros anos de pesquisa, como 2000 e 2001; a frequente estruturação dos artigos por meio de um percurso que vai de Freud a Lacan; e a pouca quantidade de artigos que utilizam casos clínicos ou obras ficcionais para fundamentação ou para discussão.

Considerando que a revisão aqui empreendida abarcou quarenta e seis artigos, é notável a escassez de discussões acerca de psicopatologias específicas e de reflexões realizadas a partir de ensaios clínicos e/ou estudos de caso. Mesmo entre os oito estudos agrupados na categoria sobre o feminino na clínica, apenas um apresentou brevemente um caso clínico, enquanto outros dois se detiveram em discutir um mesmo quadro clínico: a anorexia. Cabe lembrar que a psicanálise teve seu início a partir do encontro de Freud, em sua prática clínica, com as mulheres de sua época, possibilitando a formulação do que veio a ser seu principal paradigma por um bom tempo: a clínica

da histeria. Contudo, nas publicações atuais foram poucas, praticamente ausentes, as menções acerca da relação entre o feminino e a histeria. Se por um lado esse dado pode indicar um avanço no campo psicanalítico, que parece ter deixado de restringir as discussões sobre as mulheres ao estereótipo de “mulher histérica”, por outro lado nos perguntamos se essa correlação realmente foi superada ou se, de outra forma, ela não tem aparecido com outros nomes, talvez um tanto quanto *mascarada*. Afinal, aquelas publicações que indicam uma busca por algo que possa encobrir o lugar de vazio próprio à posição feminina, em decorrência da inexistência de um significante que represente o feminino no inconsciente, não estariam fazendo referência a uma posição histérica?

Também foram raros os artigos que apresentaram críticas ou se preocuparam em apontar as limitações na teoria psicanalítica. Identificamos apenas três publicações nas quais os autores demonstraram alguns dos impasses que permanecem mesmo com a introdução das fórmulas da sexualização por Lacan (ARÁN, 2003; LATTANZIO; RIBEIRO, 2017; LOPES, 2017), sendo que dois deles fazem parte dos artigos que se propõem a pensar sobre a relação entre a feminilidade e a transexualidade. Nesse caso, os autores criticam a cristalização de conceitos, principalmente no que toca à centralidade do Édipo e da castração, ao valor simbólico atribuído ao falo que se reveste de um aspecto imutável e transcendental, além do binarismo ainda presente na teoria psicanalítica. Chama nossa atenção o fato de que o questionamento da centralidade do binarismo na teoria seja abordado apenas pelas publicações que visam discutir a temática da transexualidade, não tendo sido encontradas publicações com o objetivo de discutir a homossexualidade, a bissexualidade ou a própria heterossexualidade.

### Considerações finais

A revisão sistemática de literatura aqui apresentada nos permitiu identificar alguns dos principais temas abordados a partir do uso dos

conceitos “feminino” e “feminilidade”, indicando a permanência e prevalência de categorias clássicas como a constituição e o ideal da feminilidade, a maternidade e o amor. Também pudemos indicar a predominância dos estudos de caráter teórico-conceitual, corroborando nossa hipótese inicial de que a literatura atual sobre o feminino na psicanálise seja composta, em sua maioria, por estudos teóricos que não utilizam a bibliografia já disponível para estabelecer investigações clínicas ou aplicadas sobre o tema. Aliás, a escassez de estudos voltados a situações clínicas e à psicopatologia foi um dos dados indicados em nossa discussão geral.

Ademais, verificamos que o referencial lacaniano e freudolacaniano emergiram como as posições teóricas dominantes, o que indica o modo como a maior parte das publicações compreende os conceitos “feminino” e “feminilidade”: a partir das diferentes modalidades de gozo decorrentes da inscrição do sujeito na função fálica. Tendo isso em vista, os resultados também corroboram a hipótese inicial de que a psicanálise permanece, ainda, distante dos estudos atuais sobre gênero, dado que o tema do feminino não está vinculado, necessariamente, ao “ser mulher” ou à identidade de gênero feminina. Cabe destacar a confusão existente em torno dos termos *feminino*, *feminilidade* e *mulher*. Nota-se uma contradição já que, ainda que pretendam discutir o feminino como uma forma de inscrição do sujeito na função fálica, a maior parte das publicações continuaram reproduzindo alguns estereótipos concernentes às mulheres. Diante disso, sugerimos a existência de um mecanismo de denegação em torno do tema.

Chama a atenção a escassez de publicações que se preocuparam em apresentar críticas ou indicar as limitações da teoria lacaniana frente ao tema da sexualidade, o que parece vir sendo feito mais intensamente por aqueles autores que pretendem discutir temas como as transexualidades. Ressaltamos, ainda, a impossibilidade de estabelecer uma distinção elucidativa entre os conceitos “feminino” e “feminilidade”, uma vez que a forma como cada

um desses conceitos foi utilizado pareceu depender muito mais da compreensão do(s) autor(es) de cada publicação do que da elaboração de um referencial teórico específico.

Por fim, reconhecemos que as publicações analisadas por esta revisão sistemática podem estar limitadas a determinados assuntos, tanto pela escolha dos descritores utilizados na etapa de busca, quanto pelo fato de que muitas das discussões sobre o tema vêm sendo realizadas a partir de um diálogo da psicanálise com outras áreas do conhecimento e, nesse caso, outros estudos vêm sendo publicados em periódicos que não os de psicologia. Contudo, também suspeitamos que a falta de diálogo da psicanálise com as teóricas feministas e as elaborações sobre o gênero resultem da dificuldade que a própria teoria psicanalítica apresenta frente às questões referentes à(s) identidade(s). Sendo assim, sugerimos que esse tema emerge com grande urgência para uma psicanálise que pretenda estar comprometida não só com uma prática clínica, mas também com uma prática social.

## Referências

- ALMEIDA, A. M. M. Feminilidade: caminho de subjetivação. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 38, p. 29-44, dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3IkNhoC>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- AMBRA, P. E. S. Pode a psicanálise pensar o Homem? notas sobre a noção de masculino em Lacan. *Revista Espaço Científico Livre*, Duque de Caxias, RJ, v. 14, p. 55, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3WFhN0I>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- ARAN, M. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 293-327, dez. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3GcZ3i7>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETTA, J. P. F. O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 157-170, Mar. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3GyejaC>. Acesso em: 08 ago. 2020.

- BONFIM, F. G.; VIDAL, P. E. V. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 539-548, dez. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IhbeNh>. Acesso em: 03 fev. 2020.
- CALDAS, H. A fala e a escrita da mulher que não existe. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 10, mar. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3IAi3JX>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- CAMPOS, E. B. V. A pesquisa qualitativa e o método psicanalítico. In: JORNADA INTERNACIONAL DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA, 2., 2008, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: PUC Campinas, 2008. p. 153-160.
- CANTO, J. S.; GHAZZI, M. S. Monster High e o modelo de feminilidade na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 625-636, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001452014>
- CARDOSO, M. C. B. A beleza que vela o feminino. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 110-118, nov. 2016/abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3CzhTiu>. Acesso em: 09 out. 2022.
- COSSI, R. K. *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: 10.11606/T.47.2017.tde-25072017-090645.
- COSTA VAL, A.; DUARTE FELIX MARINHO, P.; ASSIS FERREIRA, R.; ROSA, M. Anorexia: uma imagem desmascarada. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 243-259, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3VC9ykt>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- COSTA, A. M. M.; FERRAZ, M. A. L.; RIBEIRO, V. N. F. O amor, o feminino e a escrita. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 29-38, jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3ZpVqxS>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- DEMES, J. R.; CHATELARD, D. S.; CELES, L. A. M. O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3WZs8nY>. Acesso em: 03 fev. 2020.
- FARIA, M. R. O que é uma mulher?: Respostas clínicas ao problema do feminino. *Psyche (São Paulo)*, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 101-108, jun. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3RMFVwK>. Acesso em: 08 fev. 2023.
- FEJGELMAN, B. B.; KNUDSEN, P. P. P. S. A psicanálise apesar de Freud: uma releitura feminista ainda necessária. *Labrys*, [s.l.], v. 26, n. jul./dez, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/125094>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- FERREIRA, R. W. G.; RIVERA, T. Alternância e desejo na feminilidade e na obra de Frida Kahlo. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 235-257, jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3ZkzHHH>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- FINGERMANN, D. T. Encontro com o feminino: Hilda Hilst e outras. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 85-92, dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3WVLvyE>. Acesso em: 09 out. 2022.
- FONTENELLE, A. S. Os amores de Frida Kahlo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 88-101, nov. 2015/abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3IvzqM9>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- FORTES, I. Marguerite Duras e a escritura do feminino. *Psyche (São Paulo)*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 161-174, dez. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3GtL3QV>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas; v. 6). Originalmente publicado em 1905.
- FREUD, S. A Organização genital infantil. In: FREUD, S. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas; v. 16). Originalmente publicado em 1923.
- FREUD, S. O Fetichismo. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas; v. 17). Originalmente publicado em 1927.

- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas; v. 16). Originalmente publicado em 1924a.
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas; v. 16). Originalmente publicado em 1924b.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas; v. 16). Originalmente publicado em 1925.
- FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas; v. 18). Originalmente publicado em 1931.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas; v. 19). Originalmente publicado em 1937.
- FURTADO, M. S. A. Os Caminhos da Feminilidade em Preciosidade, de Clarice Lispector. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 983-1004, set. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3iwdFB7>. Acesso em: 09 out. 2022.
- GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e Meta-análises: a recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. Doi: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- HIRCHZON, C. L. M.; FONSECA, M. C. S. S.; AMIRALIAN, M. L. de T. M. Os elementos masculino puro e feminino puro na clínica: a história de Vítor. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 443-457, dez. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3IIT0o2>. Acesso em: 09 out. 2022.
- KEHL, M. R. *Deslocamentos do Feminino*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LATTANZIO, F. F.; RIBEIRO P. de C. Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 72-82, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140085>
- LOPES, R. G. É inevitável que as mulheres amem demais? *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-83, dez. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3XgIaK5>. Acesso em: 09 out. 2022.
- LIMA, M. C. P. A escrita adolescente como cena dos impasses do feminino. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 29-43, mar. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3Xdba5y>. Acesso em: 09 out. 2022.
- LIMA, N. L. de.; SANTIAGO, A. L. B. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 69-87, maio/out. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3k1tpwC>. Acesso em: 09 out. 2022.
- LOPES, A. J. Transexualidades: desafio à psicanálise do século XXI. *Estudos Psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 48, p. 107-126, dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3WXgD0F>. Acesso em: 09 out. 2022.
- MASSARA, I. H. M. Feminilidade: um detalhe. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 497-514, 2013. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300006>
- MELO, R. Z. de. Em busca do tempo sensível: os ruídos paradoxais da sexualidade na ampliação da escuta da identidade de gênero. *Estudos Psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 47, p. 111-128, jul. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Xk6omD>. Acesso em: 09 out. 2022.
- MOREIRA, A. C. G.; VIEIRA, M. M. C. D.; CECCARELLI, P. R. Sexualidade e ideal de feminilidade: contribuições para o debate. *Estudos Psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 49, p. 45-53, jul. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3XiAqHG>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- PACHECO, A. L. P. O feminino e as drogas na atualidade: The feminine and the drugs in contemporary. *Mental*, Barbacena, v. 5, n. 9, p. 47-61, nov. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3Qqiqsu>. Acesso em: 09 out. 2022.

PAIM FILHO, I. A.; QUADROS, V. A guerra e o repúdio ao feminino: Tróia como paradigma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 99-109, dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3Cva7pJ>. Acesso em: 09 out. 2022.

PATRASSO, R.; GRANT, W. H. O feminino, a literatura e a sexuação. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 133-151, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200010>

PENCAK, S.; BASTOS, A. Anorexia mental e feminilidade. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 347-363, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3ZbeKiy>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RIBEIRO, A. M. Cindy Sherman: sobre o feminino. *Psyche (Sao Paulo)*, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 35-54, jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3k4zmc8>. Acesso em: 09 out. 2022.

SILVA, H. C. da.; REY, S. A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 554-567, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300009>

TANGUY, C.; MARTINS, M. Três destinos do feminino à luz do “caso” Adèle Hugo. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 238-252, dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3WYGtBc>. Acesso em: 09 jan. 2023.

UTCHITEL, A. M. Considerações sobre uma escura que nunca é desavisada: sobre a relação entre as concepções psicanalíticas acerca da feminilidade e o fazer clínico do analista. *Estudos Psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 28, p. 15-26, set. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3VVnrdN>. Acesso em: 09 out. 2022.

VERCEZE, F. A.; CORDEIRO, S. N. Feminilidade não toda: uma revisão sistemática de literatura. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-165, dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Xk2quC>. Acesso em: 09 out. 2022.

*Recebido em: 30 mar. 2022*

*Aceito em: 3 nov. 2022*

